

Considerações sobre a
Implantação da Pesquisa
e Ensino de História Antiga
no *campus* Universitário
de Bragança, na Amazônia
Oriental

Considerations on
Implementation of Research
and Teaching of Ancient
History in University *campus*
of Bragança in the Eastern
Amazon

Roberta Alexandrina da Silva¹



Resumo: Centrando a observação na região Norte do Brasil, em especial, no *campus* Universitário de Bragança da Amazônia Oriental, o presente artigo se propõe a apresentar um inventário da inserção institucional da História Antiga, indicando as características e os principais desafios para a estruturação do campo na região, a partir da minha experiência como docente e pesquisadora da área.
Palavras-chave: História Antiga; Amazônia Oriental; Experiência; Ensino; Pesquisas.

Abstract: Focusing the observation in the North region of Brazil, especially at the university *campus* of Bragança of Eastern Amazon, this article proposes to present an inventory of the institutional insertion of Ancient History, indicating the characteristics and the main challenges for the structuring of the field in the region, from my experience as a teacher and researcher in the area.

Keywords: Ancient history; Eastern Amazon; Experience; Teaching; Researches.



Algumas questões introdutórias

Nas últimas décadas os estudos sobre antiguidade conheceram tamanha notoriedade, basta observarmos a profusão e o alcance continental de congressos, seminários, simpósios, bem como a destacada publicação de coleções e obras direcionadas ao tema. Em sua expressiva maioria, trata-se de teses e dissertações, enquanto uma outra parte destina-se a coletâneas com temáticas específicas e traduções de obras renomadas.


Neste texto, proponho a discussão de alguns pontos que considero importantes para os estudos de História Antiga no Brasil, estabelecendo algumas reflexões sobre a sua virada epistemológica dos últimos anos, além do seu desenvolvimento no meio acadêmico brasileiro até a implantação na região do nordeste do Pará, denominada de Amazônia Oriental, com pesquisas direcionadas ao tema e a organização de eventos internacionais e participação de pesquisadores e docentes estrangeiros.

Historicidade da Disciplina de História Antiga

Norberto Guarinello inicia o debate sobre a historicidade da disciplina História Antiga, na sua obra *História Antiga*, com a seguinte afirmação

O que hoje denominamos de História Antiga foi, no princípio, um movimento cultural e literário de produção de memória a partir de textos e objetos. Após a dissolução do Império Romano ocidental, a lembrança de um passado pré-cristão foi aos poucos se dissolvendo. Os vestígios materiais do Império eram como ruínas na paisagem, espaços da vida cotidiana, mas não lugares da memória. Na própria Roma, que fora capital do Império, o fórum era um lugar para o pastoreio de animais e as antigas construções e estátuas eram dissolvidas em grandes fornos para produzir cal. O passado, mesmo o bíblico, parecia comprimido num eterno presente, sem profundidade ou mudança (GUARINELLO, 2013, p. 17).

Guarinello argumenta que a ideia de ‘criação do antigo’ se remonta no século XII, quando ainda não havia uma disciplina, mas uma noção de herança, onde os textos antigos representavam algo diferente da cultura contemporânea do momento. Em seguida, elabora o conceito de Renascimento e critica o



entendimento de uma recepção, como algo do passado que chega ao presente de forma inteira, essencial: “Não foi um renascer passivo, mas uma reconstrução profunda da memória, com objetivos bem presentes” (GUARINELLO, 2003, p. 51). Entretanto, somente no Iluminismo, entre os séculos XVII e XVIII, que se firmaria como uma disciplina e alguns autores foram cruciais para esse debate, como Edward Gibbon, *O Declínio e Queda do Império Romano* (1776), Georges Grote, *Histórias da Grécia* (1846), Barthold Nierbuhr, *História Romana* (1812-1828), e Theodor Mommsen, *História de Roma* (1854-1856).

A partir do Iluminismo, também, temos outra visão da importância da História Antiga como a origem e a constituição dos Estados Nacionais. Nesse sentido, uma origem é comumente erigida como objeto de conhecimento e imperativo necessário à compreensão do tempo presente de vários Estados Nacionais, esse liame entre História Antiga se vincula numa visão eurocêntrica e teleológica da História da humanidade, que desde Oriente Próximo passaria a Grécia e Roma, num *continuum*, culminado da civilização europeia ocidental. A concepção de História e História Antiga são apresentadas como instâncias ligadas ao desenvolvimento da disciplina, constituindo “parte essencial e mesmo basilar do estudo do passado” (FUNARI; SILVA; MARTINS, 2008, p. 08).

É essencial reforçar que o desenvolvimento da disciplinarização da História Antiga está atrelado aos inícios dos Estados nacionais, envolto numa proposta política. Para Gilberto Francisco e Fábio Augusto Morales temas como Grécia, Roma, Atenas, Esparta, entre outras entidades administrativas do passado, foram interpretadas, explicitamente ou não, como formas originais do Estado-nação (FRANCISCO; MORALES, 2016, p. 72-77). Ou seja, a partir dessa dinâmica a História e a História Antiga, a narrativa e a disciplina, são formulações basicamente europeias, impregnadas do debate sobre o processo civilizatório e as dinâmicas políticas e administrativas dos Estados nacionais.

A História Antiga foi chamada a se pronunciar, ora para legitimar ascendências étnicas gloriosas ou para conferir direitos territoriais assentados na ancestralidade de ocupação dos espaços, a História Antiga teve a esse respeito um papel definidor (SILVA, 2007, p. 38). Foi no século XIX e com a necessidade de explicar as origens nacionais, sobretudo, que o pensamento histórico se desenvolveu como ciência e se institucionalizou, tendo o Estado à frente como produtor e organizador de documentos.

Além de influxos das Ciências Sociais e da Arqueologia, disciplinas nascentes no momento, e novos campos são abertos para o conhecimento: a sociedade, a família, a comunidade, a economia, a cultura e a religião. E, no



fim do século XIX, ideias como evolução, civilização, progresso e superioridade da Europa sobre o resto do mundo, a História Antiga se tornou o início de uma linha progressiva de civilização, como a periodização das demais áreas historiográficas (GUARINELLO, 2003, p. 20).

Todavia, foi no século XX que houve uma reformulação epistemológica, ocasionada por alguns acontecimentos decisivos, como as duas Grandes Guerras, a Revolução Russa, movimentos de descolonização de vários países ainda dominados por impérios europeus, a proliferação de movimentos civis, as lutas contra regimes totalitários, o debate sobre os Direitos Humanos Universais, e a desagregação da Guerra Fria na década de 1980. Este contexto proporcionou a inserção de novos agentes, de novas questões no debate e, com isso, as Ciências Humanas sofreram a denominada '*viragem cultural*'; fazendo com que os estudos sobre economia e sociedade foram colorados num segundo plano e os fatos sociais passaram a ser interpretados a partir de uma ótica cultural e simbólica (GUARINELLO, 2013, p. 40). Essa *virada cultural*, a partir da década de 1980, foi o início do movimento chamado de *pós-modernismo*; tendo efeitos profundos na História Antiga, tornando-a, consecutivamente, numa História Cultural.

A História Cultural pode servir de base para a análise e compreensão de práticas culturais da antiguidade. Segundo Peter Burke, a História Cultural é uma tradução cultural da linguagem do passado para a do presente, dos conceitos da época estudada para os de historiadores e seus leitores, sendo que seu objetivo é tornar a 'alteridade' do passado ao mesmo tempo visível e inteligível (BURKE, 2011, p. 245).

Dessa maneira, algumas consequências foram a promoção da categoria de identidade, a arqueologia tornou-se de suma importância para os estudos de História Antiga e houve o questionamento das balizas cronológicas da disciplina. O rompimento com modelos normativos e homogeneizadores trouxe, em seu bojo, uma visão mais ampla da complexidade dos processos culturais, propondo novas relações da ciência histórica com o tempo, com os fatos, com a realidade, com as tradições (FUNARI; SILVA; MARTINS, 2008, p.17).

O reconhecimento da diversidade cultural, a não naturalização do humano e a visão do mundo como conflito podem ser entendidos como alguns dos grandes fluxos na História Antiga nas últimas décadas. Deste modo, foram revistas identidades nacionais, étnicas, religiosas, de gênero, além da problematização dos conceitos como Ocidente, Oriente, grego, bárbaro, romano, civilização, colonização, entre outros, passaram a ser encarados como arbitrariedades; em



suma, a História Antiga foi *desconstruída* (GUARINELLO, 2013, p. 40).

Essa História Antiga *desconstruída*, graças a História Cultural e a sofisticação das análises históricas, representou um grande influxo para a História Antiga no Brasil. A consolidação da interdisciplinaridade como práxis de pesquisa e a percepção da inexistência de um passado absoluto, com verdades existentes e por serem resgatadas pelo historiador significaram um avanço nas pesquisas realizadas, o que se fez acompanhar de uma própria subversão do tempo histórico tal como tradicionalmente concebido. Não é alheio a parte significativa dos historiadores da Antiguidade no Brasil, hoje, que o passado é uma construção dos historiadores e que a sua narrativa a respeito dele não é isenta de valores que lhes são contemporâneos.

História Antiga no Brasil

O desenvolvimento da História Antiga como disciplina no Brasil é indissociável do desenvolvimento da própria universidade; em 1934, período da fundação da Universidade de São Paulo, criava-se, ao mesmo tempo, pelo mesmo ato governamental, a *Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras*, na qual a disciplina História Antiga integrava o quadro curricular da área de História.

Por conseguinte, a disciplina de História Antiga, muitas vezes, é retratada com uma área exótica e erudita, distante e ao mesmo tempo atraente. O surgimento dos estudos da Antiguidade no Brasil é constado na década de 1940, sendo fundada a primeira cadeira de História Antiga pelo historiador Eurípides Simões de Paula na Universidade de São Paulo, com um título da tese *Marrocos e suas relações com a Ibéria na Antiguidade*, em 1946 (FUNARI; CARVALHO, 2007, p. 01).

O Professor Eurípides Simões de Paula foi discípulo e sucessor de Fernand Braudel na universidade, ministrou a disciplina até sua morte em 1977. Além dessa contribuição, foi fundador da *Revista de História* (1950), um dos fundadores da *APUH* (1961 – Associação dos Professores Universitários de História), atual *ANPUH* (Associação Nacional de História) e precursor no reconhecimento da importância da História da África (MOURÃO, 1983, p. 452-456) e dos Estudos Orientais (PINKUSS 1983, p. 489-494), sendo o primeiro mestre orientador de teses em História Antiga no país, ao abordar

Por exemplo, aspectos da escravidão na antiga Roma, preferiu ele a delicada questão dos libertos a aspectos mais correntemente



tratados. O pioneirismo temático, igualmente, não deixou de se manifestar, como em trabalhos sobre a população grega – numa fase em que os estudos demográficos ainda estavam muito longe de desfrutar do prestígio dos tempos recentes – e no qual, além do inusitado do assunto central, encontramos conotações que relevam pronunciadamente do âmbito da História das Mentalidades, que apenas cerca de trinta anos depois iria se consolidar como gênero literário autônomo (SILVA 1983, p. 557).

Mesmo que a cadeira de História Antiga tenha sido criada na década de 1940, foi somente no final do século XX que houve um aumento de sua produção científica, devido ao incentivo, primeiramente, nas universidades principais do país e, em seguida, se expandindo em outras localidades distintas dos primeiros centros de estudos nacionais (FUNARI; CARVALHO, 2007, p. 01). Uma das características das pesquisas e do ensino de História Antiga, antes e durante o período do Regime Militar no Brasil, foi o caráter acontecimental, como ocorria em outras áreas da História, e uma linha contínua de fatos e eventos com causas e efeitos (SILVA, 2010, p. 147).

Contudo, foi no final da década de 1980, com o fim do Regime Militar, e início de 1990, que pulularam pesquisas historiográficas com novos métodos e objetos advindos da crítica promulgada pela Terceira Geração da Escola dos *Annales* e a Nova História. Os antiquistas adentraram e experimentaram novas interpretações, debatendo conceitos como gênero, sexualidade, etnicidade, representação, identidade, usos do passado na identificação do eu e outro (FUNARI; CARVALHO, 2007, p. 15).

Concomitantemente, houve a criação de espaços de divulgação institucional de intercâmbio científico, como a fundação da Sociedade Brasileira de Estudos Clássicos (SBEC), em 1985, e do Grupo de Trabalho em História Antiga (GTHA), da Associação Nacional de História (ANPUH), em 1999, proporcionando, ao longo dos últimos anos, a instalação de um amplo debate nacional acerca da necessidade de incorporação de novos temas, abordagens, metodologias e conceitos aos estudos da Antiguidade.

A multidisciplinaridade, por sua vez, tem-se evidenciado como uma necessidade sentida por muitos pesquisadores. De fato, há alguns anos a Arqueologia, a Epigrafia, a Numismática, as Letras Clássicas e a Antropologia, entre outros saberes, são vistas como parceiros no desenvolvimento da investigação sobre o Mundo Antigo. Para Pedro Paulo Funari e Margarida Maria



de Carvalho houve a proliferação de dissertações e teses de variados temas

A partir de meados da década de 1990, com o advento da *História Cultural* expandindo-se em nível nacional, houve uma multiplicação de Dissertações e Teses influenciadas pelo conceito de *representação*, o qual, mais tarde, no clarão do século XXI, será articulado à *análise do discurso*. O respeito pelo trato documental, sua datação e autoria, críticas internas e externas dos discursos, sua linguagem metafórica, enfim, a desconstrução do discurso será albergada à luz das tropas de reconhecimento da pós-modernidade. Sempre aliados ao conhecimento documental e historiográfico, os investigadores antiquistas escolherão seus métodos, técnicas e teorias de abordagem, associando tais interpretações à análise iconográfica e à cultura material (FUNARI; CARVALHO, 2007, p. 15).

A historiografia sobre o mundo antigo se renovou, com a multiplicação de estudos e enfoques antinormativas, tanto que, atualmente temos visto um desenvolvimento muito grande das pesquisas e do ensino deste campo adequados às realidades de diversos centros acadêmicos no Brasil (FUNARI, 2003, p. 95). A situação mudou tanto na forma de compreensão da Antiguidade, quanto em relação aos métodos a serem estudados, aos objetos e abordagens e no tratamento da disciplina em nível acadêmico (SILVA, 2010, p. 146).

A partir dessas interpretações, a História Antiga pensado no formato tradicional vem, cada vez menos, sendo ajuizada como a base para a compreensão de uma “civilização brasileira”, mas ao tomar as discussões epistemológicas sobre a multiplicação de sujeitos, mostrou-se excepcional para a crítica do conhecimento histórico, em qualquer época ou período. Um dos aspectos mais relevantes dessa História Antiga produzida no Brasil, se centra numa visão crítica aos modelos normativos e no estudo das apropriações contemporâneas da antiguidade, para interesses no presente. Isto significa tanto perscrutar os usos contemporâneos do antigo, como mostrar aos estudiosos que não se pode entender muito da contemporaneidade sem conhecer esses usos e apropriações. Concordo com a assertiva de Pedro Paulo Funari em que

A História da Antiguidade surge, então, como elo de ligação constante da realidade atual com suas origens ideológicas. O direito romano, base de nosso sistema jurídico, precisa ser



conhecido, para que possa ser relacionado com seus usos no presente, como o mostra, a recente tradução ao chinês. Na verdade, são todas as nossas instituições a exigir um recuo ao mundo antigo, sem o qual a compreensão do presente será, no máximo, parcial. Partindo das aporias do cotidiano de nossos estudantes, pode-se chegar à Antigüidade de forma não apenas lúdica e prazerosa, como também e principalmente, significativa para a vida desses jovens [grifo meu] (FUNARI, 2004, p.05).

Norteadas por este panorama teórico de significativas transformações na história antiga, de paulatinas inserções de métodos de pesquisa no campo cultural, abordarei no próximo tópico, a introdução dos estudos sobre a antiguidade no Pará, para, em seguida, debater acerca das estruturas curriculares nos *campi* da federal e a minha experiência como antiquista no curso de Licenciatura em História de Bragança, na região denominada de Amazônia Oriental.

O Projeto Pedagógico de Bragança e sua diferenciação em relação a outros *campi*

A Universidade Federal do Pará, precisamente em 1987, começou o seu processo de interiorização em Bragança, implantando um núcleo universitário e ofertando cursos na modalidade intervalar como as Licenciaturas em Letras, História, Matemática e Pedagogia. No entanto, em 1992 foram ofertados na modalidade regular, os cursos de Licenciatura Plena em Letras com habilitação em Língua Portuguesa, Pedagogia e Matemática e, posteriormente, em 1997 foi implantado um pólo de Pesquisa em Estudos Costeiros no Campus Universitário de Bragança, culminando no programa de Pós-Graduação em Biologia Ambiental e a criação do Instituto de Estudos Costeiros (IECOS). Mas, foi em 2010 com o programa de Reestruturação do Ensino Superior do governo federal, a oferta de vagas do Campus foi ampliada, substancialmente, dos três cursos de licenciatura existentes para sete licenciaturas: História, Letras com habilitação em língua Inglesa, Matemática e Ciências Naturais².

Com isso, se percebe que o curso de História no *campus* universitário de Bragança é relativamente recente, ofertou esporadicamente turmas entre os anos 1987, 1990, 1997 e 2004; e, somente em 2009 foi implantado de forma regular na cidade, para ampliar a formação de professores, o que também contribuiu com a pesquisa histórica; e, em 2010, foi criada a Faculdade de



História como uma iniciativa do Programa do REUNI⁵.

O primeiro Projeto Pedagógico Curricular de Bragança utilizado no curso era semelhante ao que foi implantado no *campus* universitário de Belém, antes da reformulação de 2011, com a divisão entre as disciplinas de História Antiga I, carga horária de 85, e História Medieval, carga horária de 85. Entretanto, em 2010, o Projeto pedagógico Curricular sofreu a primeira modificação - sendo aprovado em 2012⁴ e, novamente, reformulado em 2017⁵ -, em que a disciplina de antiga foi dividido em duas partes, como História Antiga I (carga horária de 60), Antiguidade Oriental, e História Antiga II (carga horária de 60), Antiguidade Ocidental; concomitantemente, a disciplina de medieval foi desmembrada em História Medieval I (carga horária de 60), Primeira e Alta Idade Média, e História Medieval II (carga horária de 60), Central e Baixa Idade Média.

Em outros *campi* a disciplina de História Antiga e, também, medieval foi dissolvida em algumas terminologias, como é o caso do curso de História de Belém, como em: a disciplina de Formação do Pensamento Clássico, com carga horária de 68, antes era o equivalente à História Antiga; e, a disciplina de Feudalismo, com carga horária de 68, equivalente à História Medieval⁶. Em Ananindeua, cidade próxima a Belém, o curso de História surgiu em 2015 e foi extinta as disciplinas de História Antiga e Medieval, sendo distribuídas da seguinte forma: 'Formação do Pensamento Clássico', 'História da Antiguidade Clássica' e 'Feudalismo'⁷.

No entanto, em 2017 com uma reformulação do Projeto Pedagógico, foi modificado e abolida as disciplinas "Formação do Pensamento Clássico" e "Feudalismo", fazendo a inclusão de uma disciplina que englobava tanto a antiguidade como o medievo, denominada de História da Antiguidade e do Medievo⁸.

Um caso atípico ocorreu no *campus* de Tocantins-Cametá onde o curso de História foi fundado no mesmo momento que o de Bragança, apresentando um quadro distinto do desenho curricular com a divisão em: História da Antiguidade, História Medieval e Teoria da Antiguidade e do Medievo⁹. Essa distribuição explicita o objetivo do curso

O curso de História deverá possibilitar o desenvolvimento de um conjunto de habilidades necessárias à Licenciatura, com isso, possibilitando a atuação como professor no Ensino Fundamental e Médio; o que implica compreender diferentes concepções metodológicas que referenciam a construção de categorias para a



investigação e a análise das relações sócio históricas, assim como problematizar, nas múltiplas dimensões das experiências dos sujeitos históricos, a constituição de diferentes relações de tempo e espaço; de forma que estas habilidades orientem a construção de práticas de ensino de história que venham assegurara formação social [grifo meu] (PROJETO PEDAGÓGICO CURRICULAR DO CURSO DE HISTÓRIA DE TOCANTINS/CAMETÁ, 2010, p. 09-10).

Como se percebe os projetos pedagógicos nos *campi* do interior da UFPA são díspares em relação a Belém, devendo ao fato da contratação de especialistas na área e estes reformularem os projetos pedagógicos. Entretanto, há algumas considerações: mesmo tendo especialistas nas disciplinas de antiga e medieval, o incentivo e o financiamento são direcionados aos estudos regionais e, principalmente, sobre o bioma que é a região da Amazônia.

Em Belém, o curso de História é mais antigo do norte do país e reformulou o seu projeto pedagógico nos últimos anos, organizando o currículo pautado em núcleos e com tópicos históricos específicos. O texto ainda afixa que tem a pretensão de vislumbrar experiências históricas diretas com o Brasil e com a Amazônia.

Assim, o Núcleo de Formação Histórica e Historiográfica propõe o abandono de disciplinas como História Antiga, História Medieval, História Moderna e História Contemporânea, em favor de disciplinas que abordem tópicos específicos, os quais tenham relação mais direta com a experiência histórica brasileira e que permitam, também, um enfoque circunscrito (e, portanto, mais profundo) sobre a historiografia existente[grifo meu]. Espera-se que, por meio dessa perspectiva, para além do domínio sobre as experiências históricas abordadas, o docente e o egresso tenham condições de tratar, pormenorizadamente, a produção historiográfica, de modo que este último desenvolva habilidades como a identificação de correntes teóricas e vertentes historiográficas e a produção de levantamentos, balanços e discussões historiográficas (PROJETO PEDAGÓGICO CURRICULAR DO CURSO DE HISTÓRIA DE BELÉM, 2015, p. 05)

Historicamente, o curso de História do *campus* de Belém é recente e foi implantado em 1955, na antiga Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras do Pará, e depois incorporado à Universidade Federal do Pará (UFPA), em 1957. No



ano de 1988, o curso constituiu-se como departamento autônomo, momento que significou o crescimento do número de pesquisas desenvolvidas até então. Em 1997, o departamento estruturou a área de investigação em História Social da Amazônia, linha que orientou a criação do Programa de Pós-graduação em História Social da Amazônia, em 2004. É sintomático que o curso da UFPA, *campus* Belém, um dos mais tradicionais e consolidados da região, tenha conhecido uma estruturação tão recente e concentrado suas investigações nos estudos amazônicos; sendo um espelho para outros cursos de outros *campi* da UFPA, como no caso do curso de História de Bragança. Nesse sentido, se justifica a estruturação do Projeto pedagógico em não abordar outros temas que não se enveredem por uma história de cunho social da Amazônia, uma história estritamente regional.

No que pese a importância da instituição como referência na história da Amazônia, destaca-se que tal inclinação resultou, praticamente, na inexistência de trabalhos sobre a antiguidade e o medieval, antes de 2010, sendo delegado aos *campi* do interior sanar essa carência pela contratação de docentes e pesquisadores da área de Antiga e Medieval. Outro elemento que chama atenção é a presença das disciplinas “História Antiga” e “História Medieval” no projeto político pedagógico do referido curso, antes da reformulação de 2011, todavia, não constam pesquisas, defesas e nenhuma produção nessas áreas.

Com a reformulação de 2011, o curso de História de Belém se propôs a praticar um currículo diferente do tradicional cronológico e linear, na organização das disciplinas, com o intuito de uma nova ótica e redirecionamento nos estudos históricos. Essa proposta organizada em núcleos ficou da seguinte forma: Núcleo de Formação Histórica e Historiográfica (Teoria e Metodologia da História, História Geral, História Americana e História do Brasil), Núcleo de Formação Docente (Formação Básica da Licenciatura, Prática Curricular Continuada, Estágio Curricular Supervisionado e Pesquisa em Ensino de História). No entanto, de acordo com Angela Ribeiro, Ferreira ao analisar o Projeto Pedagógico Curricular de Belém, as reformulações centradas em núcleos e a estruturação das disciplinas de História Antiga e História Medieval por nomenclaturas como ‘Formação do Pensamento Clássico’ e ‘Feudalismo’ não fogem das estruturações costumeiras e superficiais, além do mais reproduzem uma divisão cronológica, linear e tradicionalista da História do Brasil

Temos cada uma das tradicionais representadas e com ementas que não fogem muito do que os outros cursos analisados propõem;



assim, “Formação do Pensamento Clássico” é a História Antiga, “História do Feudalismo” é a História Medieval, “Formação dos Estados Nacionais” é a História Moderna. E na História do Brasil temos a mesma divisão, Colônia, Império, República. Nessa grade fica clara a dificuldade em romper totalmente com o tradicional (2015, p. 86).

Outro ponto de destaque, consiste no fato de como estudos e conhecimentos sobre a Antiguidade são observados pelo curso de História de Belém. No *site* do Curso de História temos a seguinte descrição, principalmente, no que tange à Grécia e Roma:

Em sua primeira fase este curso foi ministrado, em sua maior parte, por advogados. Pessoas como o professor Orlando Bittar e as irmãs Chaves (professores Maria Annunciada e Paula) formaram os primeiros professores licenciados em História e Geografia do Estado. A idéia era menos a de promover a pesquisa em História da Amazônia, do que a de formar professores para atuarem no ensino ginásial e secundarista em Belém e também no Pará como um todo, ou seja, formar para a educação conhecida como “clássica”. Criar conhecedores da cultura grega e romana era tão primordial quanto formar alunos que se interessassem pelo Brasil e seu povo em suas diferenças regionais. O certo é que ainda tínhamos uma clara divisão entre a cultura erudita (e clássica) e a popular [grifo meu]. A academia ainda oscilava entre ensinar o tradicional e arriscar o moderno. Neste contexto, as memórias dos primeiros formandos primam por recordações que quase excluem aulas sobre a História da Amazônia, mas todos se lembram bem da ênfase no formato tradicional das aulas-conferências e na importância da História Antiga como sinônimo de erudição¹⁰.

Porém, temos de contextualizar a fala acima sobre a visão de que a História Antiga é vista como, simplesmente, erudição. Isso se justifica pela tendência de que a História Antiga, aos moldes de que foram implantados nos primeiros cursos de História, tinha esse caráter eurocêntrico ao se contrapor com temas regionais. Todavia, como a própria docente evidenciou, a primeira fase do curso de História, criado nos anos de 1950, foi ministrado por advogados, e não historiadores, e estes formaram professores, subsequentemente, não se



preocupando com temas e pesquisas regionais, supervalorizando uma erudição e história estritamente europeia e o emprego de termos greco-latinos para a área jurídica.

Nesse sentido, como afirmou José Otávio Guimarães, essas acusações referentes a tradição clássica no Brasil remontam os estudos nos anos de 1950, sobretudo, a partir de Juscelino Kubitschek onde as Humanidades sofreram pressão para que se adequassem a uma proposta de governo de modernização do país. O autor faz a seguinte afirmação

O projeto de desenvolvimento acelerado, que seduziu contingente expressivo da *intelligentsia* brasileira, pregava uma ampla reforma cultural e educativa, condição indispensável para que o país pudesse alcançar o 'primeiro mundo'. Imagem do classicista posta em circulação foi a de um rabugento professor de grego e latim que exigia as declinações na ponta da língua (GUIMARÃES in CHEVITARESE; CORNELLI; SILVA, 2008, p. 09).

Como consequência desta época, mesmo após a reformulação do enfoque nas pesquisas sobre a temática, pouco conhecidas e mesmo ignoradas, ainda prevalece esta visão (pré) concebida e reducionista da importância do ensino e pesquisa de História Antiga no Brasil. Conforme salientou Douglas Xavier Lima, permanece ainda no Brasil uma discussão acerca da ideia de que disciplinas e pesquisas na área da História Antiga, História Medieval ou mesmo História Moderna, agenciariam o olhar do colonizador, onde a história na qual o Brasil, a América e a África só ganhariam destaque a partir da Europa (LIMA, 2017, p. 03). No caso da História Antiga, como demonstrado, ainda permanece essa visão estereotipada e tradicionalista, que de acordo com José Otávio Guimarães

Essa tendência, esquece ou ignora que as categorias de que lança mão fazem parte, pelo menos em sua versão universitária, de uma tradição ocidental que remonta a essa antiguidade grega e romana... Seria Interessante que etnólogos e historiadores de hoje se debruçassem com mais afinco sobre a pesquisa da proveniência dos conceitos centrais de seus respectivos saberes; só assim, poderiam com mais recursos, julgar os méritos, as limitações e verificar o peso da herança antiga em seus hábitos mentais. Esforçarem-se por reconhecer a parte de universal e de particular nos conceitos que utilizam é indispensável para



que ambos, etnólogo e historiador, não acabem por povoar, a contragosto, o planeta com descendentes de Heródoto, Tucídides, Platão, Aristóteles, Plutarco ou Pausânias. O próprio lugar de autoridade de onde falam, a cadeira do professor e a “verdade” de sua “ciência”, é ele mesmo um lugar cercado de regras, normas e valores oriundos de uma instituição profundamente europeia: a universidade. (GUIMARÃES in CHEVITARESE; CORNELLI; SILVA, 2008, p. 07).

Uma Nova Visão de História Antiga na Amazônia Oriental

A diferenciação do Projeto Pedagógico Curricular de Bragança, diferentemente do que foi elaborado em Belém, possibilitou a criação de grupos de pesquisas e projetos, devido a contratação de docentes e pesquisadores na área de Antiga e medieval, preenchendo o interesse pela História Antiga, assim como pela Arqueologia, pela Idade Média e pela Antiguidade da África.

O docente Thiago de Azevedo Porto desenvolveu pesquisas que abarcam temas como medieval, hagiografia, ordens mendicantes, santidade e Igreja, montando os primeiros projetos e grupos de pesquisas no Pará, como *Identidade e Alteridade na Antiguidade e no Medieval: uma análise comparativa de hagiografias* (2010 a 2012); *Igreja, Santidade e Poder (séculos X ao XIII): a ascensão dos processos de canonização* (2013 a 2014); e, *Política de canonização ou canonização como política? O papado, os mendicantes e a santidade na Itália (século XIII)* (2015 até a atualidade). Não obstante, solidificando estudos na área e orientando trabalhos de conclusão de curso, dentre outros como por exemplo, *A construção e apropriação dos discursos nas relações de poderes entre os movimentos dos minoritas e a Igreja romana: o caráter jurídico na Vita Prima de Tomás de Celano*, de Leonardo de Souza Câmara.

Na área de Antiga houve a criação de projetos de pesquisas como: *Estudos Orientais, Clássicos e Medievais na História e na Literatura: Gêneros, Discursos, Religiosidade, Usos e Costumes do Passado* (2010-2012); *Ecos clássicos e medievais em imagens sacras e relatos dos viajantes na Amazônia oriental: século XVI a XIX* (2012-2014); *Implantação dos Estudos clássicos no estado do Pará: Estudos sobre Gênero, discursos, religiosidade e usos e costumes do passado na Antiguidade Clássica até a Tardia* (2014-2016); *Entre a Casa e a Igreja: Cotidiano e gênero nas Comunidades cristãs Paulinas e Gnósticas (Sécs. I-IV)* (2016-2018); *Entre o Demiurgus e a Sophia: Relações de Gênero e o Conceito de Deus nas Comunidades*



Paulinas e Gnósticas (Séculos I-IV) (2018- atualidade)¹¹.

A ampliação dos estudos sobre História Antiga, também medieval, possibilitou ao *campus* de Bragança angariar parcerias e organizar eventos com os resultados das pesquisas. Vejamos alguns deles:

Em dezembro de 2010 realizou o I Colóquio de História e Saber Histórico na Região Bragantina: Territórios do Historiador, entre os dias 1,2 e 3 de dezembro, nas dependências do *campus* universitário de Bragança, foi organizado por mim e pelo Prof. Dr. Adilson Ishihara Brito. Esse primeiro evento da Faculdade de História, de caráter geral, possuiu um planejamento voltado para fomentar discussões e reflexões teóricas e metodológicas sobre o ofício do historiador, sobretudo no que concerne ao processo de construção histórica através da prática da pesquisa e sua apropriação pedagógica no campo do ensino.

Houve pela primeira vez na UFPA um debate sobre estudos acerca da Antiguidade na mesa-coordenada com o título de *Gênero, Identidade e Arqueologia*, com os seguintes títulos de trabalho: *As comunidades cristãs e a participação feminina no início do cristianismo* (Profa. Dra. Roberta Alexandrina da Silva) e *“Eu sou YHWH teu deus...”: considerações sobre o processo de monoteização masculina no Antigo Israel* (Prof. Dr. Josué Berlesi, *campus* Tocantins-Cametá).

Paralelamente, Thiago de Azevedo Porto ofereceu um minicurso com o título: *O papado, os mendicantes e a política de canonização no século XIII*. Adentrando, ao mesmo tempo, com estudos sobre o período do medieval para a região Bragantina e em toda a UFPA.

E, como Conferência Magna de encerramento do evento foi convidado o Prof. Dr. André Leonardo Chevitarese (UFRJ) com a pesquisa *A história da pesquisa sobre o Jesus histórico*.

No ano seguinte, ocorreu o I Encontro de História Antiga e Medieval do Pará, em Bragança, entre os dias 08 a 10 de dezembro, sendo a primeira iniciativa, no âmbito da Universidade Federal do Pará, para a divulgação das pesquisas desenvolvidas na área de História Antiga e Medieval por docentes e discentes desta instituição. Além disso, o evento pretendeu dar uma contribuição para a consolidação dos estudos e pesquisas desenvolvidos nas regiões Norte e Nordeste do Brasil na área de História Antiga e Medieval. Para isso, contou com a participação de docentes e discentes de Instituições de Ensino Superior desta – como a Prof.^a Dra. Alessandra F. Conde da Silva (UFPA/Faculdade de Letras - Bragança); Prof. Dr. Carlos Alberto Dias (UFPA/ Faculdade de Letras - Bragança); Prof. Dr. Josué Berlesi (UFPA/ Faculdade de História - Cametá); Prof. Dra. Maria



Helena R. Chaves (UFPA/Bragança); Prof. M.Sc. Thiago de Azevedo Porto (UFPA/Bragança); Prof.^a Dr.^a Roberta Alexandrina da Silva (UFPA/Bragança) -, e de outras regiões do país como Prof.^a Dr.^a Ana Livia Bonfim Vieira (UEMA); Prof. Dr. Anderson Zalewski Vargas (UFRGS); Prof.^a Dr.^a Andréia C. L. Frazão da Silva (UFRJ); Prof.^a Dr.^a Adriana M. de Souza Zierer (UEMA) e Prof.^a Dr.^a Leila Rodrigues da Silva (UFRJ).

Como evento, foi bem maior que o anterior e teve como objetivos principais apresentar e debater pesquisas desenvolvidas na área de História Antiga e Medieval por docentes e discentes da UFPA e de outras instituições do país; além de vislumbrar a consolidação e a constituição de um núcleo de pesquisa em História Antiga e Medieval no norte do país.

Contudo, em 2014, há o *Primeiro Encontro Internacional de história antiga e medieval na Amazônia*, tendo como convidados os Yan Woods, da Universidade de Leeds, e Santiago Barreiro, da CONICET na Argentina, pondo Bragança no circuito de estudos sobre a Antiguidade e o Medieval no norte do país. Foi, novamente, uma iniciativa conjunta com a Faculdade de História de Bragança (UFPA), juntamente com a Faculdade de História de Cametá (UFPA) e o curso de História do Oiapoque (UNIFAP), com o apoio do Programa de Pós-Graduação de Letras e Saberes da Amazônia (PPGLS/UFPA) e do Programa de Pós-Graduação em Biologia Ambiental (PPBA/UFPA), entre os dias 07 a 09 de abril de 2014, a ser realizado no Campus Universitário de Bragança (UFPA).

Ainda em 2014, houve uma abertura na ANPUH-Norte que foi o *IX Encontro Regional da Anpuh-PA* conheceu a realização do “I Simpósio Temático de História Antiga e Medieval”, igualmente uma expressão da articulação existente entre as universidades. Organizado por professores da UFPA, *campus* de Bragança, UFOPA e UNIFAP, o simpósio contou com comunicações, envolvendo graduandos, bolsistas de iniciação científica, mestres e doutores.

No ano seguinte, ocorreu no *campus* universitário de Macapá, na UNIFAP, o primeiro grande evento sobre estudos celtas e germânicos, o *V Simpósio Internacional e VI Simpósio Nacional de Estudos Celtas e Germânicos: fronteiras, religiosidades, etnogêneses e monumentalidades* organizado pelo Prof. Dr. Renan Marques Birro, contando com dois convidados internacionais, como o Prof. Dr. Santiago Barreiro (CONICET- Argentina) e a Mestre Marion Poilvez, da Universidade da Islândia; além da presença de acadêmicos nacionais, como USP, UFRJ, UFMA e UFRJ.

Em 2017, aconteceu o Primeiro Colóquio Internacional sobre a Cidade e as Sociabilidades na Antiguidade em Bragança entre os dias 05, 06 e 07 de dezembro,



tendo como convidados a professora catedrática portuguesa e responsável pelo Projeto de Estudo e Salvamento de Bracara Augusta Profa. Maria Manuela Martins (Universidade do Minho/ Portugal), o pesquisador responsável pela reconstrução da Capela de São Frutuoso de Montélios e pela Igreja sueva de São Martinho de Dume, o arqueólogo Luís Fontes (Universidade do Minho/ Portugal), oferecendo uma palestra de abertura e o minicurso *Arqueologia e Patrimônio em Bracara Augusta*. Também, houve a contribuição de instituições nacionais, com a participação de pesquisadores das áreas da antiguidade como o Prof Dr. Gilvan Ventura da Silva e Profa. Dra. Érica Christiane da Silva, ambos da UFES, que ministraram palestras e realizaram minicursos.

Depois desse levantamento, é possível constatar uma ampliação na promoção de encontros dedicados a grande área de Antiga e Medieval, movimento que se pautou na tentativa de maior aproximação entre os docentes da região Norte, e entre esses e os pesquisadores de outras instituições nacionais e estrangeiras. Consideramos que essa aproximação, principalmente em âmbito regional, constitui o principal elemento capaz de favorecer o enraizamento de tais estudos na região e seu reconhecimento nacionalmente.

Considerações Finais

Desse modo, desconstruir o caráter de complementação e erudição do ensino da História Antiga, e poderia incluir medieval, resultaram em estímulos, atualização, discussões e debates dos discentes, além de contato com pesquisadores brasileiros – como André Leonardo Chevitarese (UFRJ), Gilvan Ventura da Silva (UFES), José Maria Gomes de Souza Neto (UPE), Renan Marques Birro¹² (UNIFAP), Marcus Cruz (UFMT), Leila Rodrigues da Silva (UFRJ), Andréia Frazão (UFRJ), Adriana Zierer (UFMA), Ana Livia Bonfim Vieira (UEMA), Anderson Zalewski Vargas (UFRGS) - e estrangeiros - como no caso dos Professores Yan Wood (Universidade de Leeds - Inglaterra), Santiago Francisco Barreiro (CONICET – Argentina), Maria Manuela Martins (UniMinho – Portugal) e Luís Fontes (UniMinho – Portugal). Possibilitando uma proximidade entre o cotidiano desse discente, que vive nessa região amazônica, com pesquisas atuais e especialistas renomados de grandes centros universitários brasileiros e estrangeiros.

As situações descritas através dos eventos e nos projetos de pesquisas sobre antiguidade, também o medieval, no *campus* universitário de Bragança, e algumas em outras instituições, demonstram um exercício crucial e produtivo



ao trazer para o discente e o ambiente acadêmico um debate atualizado e próximo à realidade brasileira; e, ao mesmo tempo, estabelecendo conexões com estruturas mentais, culturais, políticas e sociais destes.

Portanto, as pesquisas e o ensino da História Antiga promulgam um novo olhar acerca da antiguidade, com o objetivo de incentivar nos alunos uma análise crítica do passado para o entendimento de temas atuais como gênero, sexualidade, desigualdade e outros. Possibilita revelar mundos e práticas culturais diferenciadas, estimulando a reflexão histórica, debates sobre a tolerância e alteridade com o outro, não somente entendendo como algo ou debates atuais, mas vindo desde práxis advindas de um ambiente clássico, como o grego e o romano, e oriental, mesopotâmico e egípcio.

Mesmo estando longe de grandes centros de estudos, os discentes do interior do estado do Pará – e em outras instituições do Norte do país - conseguiram e estão realizando um exercício profícuo e inovador ao pensar de forma integrada o ensino, a pesquisa e a extensão na área de História Antiga, conectando com suas realidades, o da Amazônia Oriental.

Agradecimentos

Gostaria de agradecer ao amigo Renan Birro pela oportunidade em contribuir com este artigo e pelo companheirismo em momentos difíceis quando estive em enfrentamentos no exercício da prática de ensino e pesquisa em História, principalmente, voltada à Antiguidade. Também, agradeço à UPE, Nazaré da Mata, pelo caloroso acolhimento nos momentos em que estive na instituição.

Referências

BRASIL. Ministério da Educação. *Parâmetros Curriculares Nacionais para o ensino médio: Ciências Humanas e suas Tecnologias*. Brasília: MEC/SEMTEC, 2002.

BURKE, Peter. *Variiedades de História Cultural*. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

CARVALHO, Margarida Maria de; FUNARI, Pedro Paulo A. Os Avanços da História Antiga no Brasil: Algumas Ponderações. *Revista de História*, Franca/SP, v. 26, n.01, p. 14-19, 2007.

CHEVITARESE, A. L.; CORNELLI, G.; SILVA, M. A. O. (Org.). *Tradição Clássica e o Brasil*. Brasília: Archai-UnB/Fortium, 2008.



FERREIRA, A. R. *Entre as práticas das teorias e vice-versa: A prática de ensino como componente curricular nas licenciaturas em história no Brasil após 2002*. 2015. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa/PR, 2015.

FRANCISCO, G. S.; MORALES, F. A. Desvelando o Atenocentrismo. *Revista de Cultura e Extensão*, São Paulo, v. 14, p. 67-79, 2016. Suplemento

FUNARI, Pedro Paulo A. A Renovação no Ensino de História Antiga. *In: KARNAL, Leandro (Org.). História na Sala de Aula*. São Paulo: Contexto, 2003, p.95-108.

FUNARI, Pedro Paulo. A Importância de uma abordagem crítica da História Antiga nos livros escolares. *Revista História Hoje*, São Paulo, v. 2, n. 4, p.01-06, 2004.

FUNARI, P. P. A., SILVA, G. J. da. Os Avanços da História Antiga no Brasil. *In: FUNARI, P. P. A., SILVA, G. J. da (Org.). História Antiga: Contribuições Brasileiras*. São Paulo: AnnaBlume, 2008, p. 07-09.

GUARINELLO, N. *História Antiga*. São Paulo: Editora Contexto, 2013.

LIMA, D. X. M. História Medieval na Amazônia: Trajetória, Desafios e Perspectivas. *Signum Revista da Abrem*, Rio de Janeiro, vol. 18, n.1, p. 159-177, 2017.

MOURÃO, F. A. A. Eurípedes Simões de Paula e os estudos africanos na Universidade de São Paulo. *In: MELLO, A. C. de (Org.). In Memoriam de Eurípedes Simões de Paula: Artigos, Depoimentos de Colegas, Alunos, funcionários e Ex-companheiros da FEB; vida e obra*. São Paulo: Gráfica da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 1983, p. 453-456.

PINKUSS, F. Os Estudos Orientais na Universidade de São Paulo: Visão de um Homem predestinado. *In: MELLO, A. C. de (Org.). In memoriam de Eurípedes Simões de Paula: artigos, depoimentos de colegas, alunos, funcionários e ex-companheiros da FEB; vida e obra*. São Paulo: Gráfica da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 1983, p. 489-494.

RODRIGUES, Renata Cardoso Belleboni. Reflexões no Ensino da História Antiga. *Revista Nupem*, Campo Mourão/PR, v. 4, n. 7, p.25 - 36, 2012.

SILVA, G. J. da. *História Antiga e Usos do Passado: Um Estudo de Apropriações da Antiguidade sob o Regime de Vichy*. São Paulo: Annablume, 2007.

SILVA, Marcos Antônio da; FONSECA, Selva Guimarães. Ensino de História Hoje:



Errâncias, Conquistas e Perdas. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 31, nº 60, p. 13-33, 2010.

SILVA, Semíramis Corsi. Aspectos do Ensino de História Antiga no Brasil: Algumas reflexões. *Alétheia Revista de estudos sobre Antigüidade e Medievo*. Natal, v.01, p. 145-154, 2010.

SILVA, V. D. da. Uma obra que Suscitou Necessidades Acadêmicas. In: MELLO, A. C. de (Org.). *In Memoriam de Eurípedes Simões de Paula: Artigos, Depoimentos de colegas, Alunos, Funcionários e Ex-companheiros da FEB; Vida e Obra*. São Paulo: Gráfica da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 1983, p. 556-570.

Notas

¹Mestre e Doutora em História pelo IFCH/DH/UNICAMP. Docente do *campus* Universitário de Bragança, UFPA. Atua como colaboradora técnica no Instituto de Ciências Humanas e Letras (ICHL) e docente do Programa Pós-Graduação em História Ibérica Mestrado Profissional, UNIFAL/MG. Professora Associada ao Laboratório de Estudos sobre o Império Romano – LEIR/UFES. E-mail para contato: rdasilva@unicamp.br; alexandrinasilva@hotmail.com

²Confira: <https://www.campusbraganca.ufpa.br/index.php/historico>

³O programa do Reuni foi instituído pelo Decreto nº 6.096, de 24 de abril de 2007, sendo uma das ações que integram o Plano de Desenvolvimento da Educação (PDE).

⁴O projeto pedagógico pode ser acessado em: http://www.campusbraganca.ufpa.br/arquivos/Fahist/PPCs/Projeto_Pedag%C3%B3gico_Curso_Hist%C3%B3ria_UFPA_Braganca_2012.pdf

⁵O projeto pedagógico pode ser acessado em: http://www.campusbraganca.ufpa.br/arquivos/Fahist/PPCs/Projeto_Pedagogico_Curso_Historia_UFPA_Braganca_2017_em_avaliacao_anexo.pdf

⁶O projeto pedagógico pode ser acessado em: http://www.ufpa.br/historia/index.php?option=com_content&view=article&id=110&Itemid=6

⁷O projeto pedagógico pode ser acessado em: http://campusananindeua.ufpa.br/images/artigos/PPC_CONTE%C3%9ADO_HISTORIA_ANANINDEUA_2015.pdf

⁸Ata da aprovação: https://drive.google.com/file/d/1Ov5NyUdF3tvZrlxEqJL6uxl_fMW2OSNI/view. Projeto Pedagógico: https://drive.google.com/file/d/1eMHDTIAMqW-EDfvsKZXiMgEc9y_PwO_I/view

⁹Projeto Pedagógico: http://www.campuscameta.ufpa.br/images/textos/ppc_curso_historia_cameta.pdf

¹⁰Essa citação foi retirada da página inicial do site da Faculdade de História, com o título *História em Curso Regular*.



Roberta Alexandrina da Silva
Considerações sobre a Implantação da Pesquisa
e Ensino de História Antiga no *campus* Universitário
de Bragança, na Amazônia Oriental

¹¹Foi criado dois grupos de pesquisa na CNPq, em 2014 *A Implantação de Estudos Clássicos no Pará: Estudos sobre Gênero, discursos, religiosidade e usos e costumes no passado na Antiguidade Clássica à Antiguidade Tardia* (desde 2014); e o VIVARIUM - Laboratório de Estudos da Antiguidade e do Medievo - NÚCLEO NORTE (desde 2015).

¹²Atualmente docente da UPE, Nazaré da Mata/PE.